



# PERSPECTIVAS SOBRE A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: UMA CONVERSA COM EDUARDO DE ASSIS DUARTE

PERSPECTIVES ON AFRO-BRAZILIAN LITERATURE:  
A TALK WITH EDUARDO DE ASSIS DUARTE

**Eduardo de Assis Duarte**  
ENTREVISTA POR:  
**Harion Custódio\***  
**Lorena do Rosário Silva\*\***

\* harioncustodio@gmail.com  
Doutorando em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela UFMG.  
\*\* loresilva1809@gmail.com  
Mestra em Estudos Literários pela UFMG. Doutoranda em Estudos Literários pela UFMG.

É com grande alegria que tenho a oportunidade de trazer uma conversa-entrevista com o professor e intelectual Eduardo de Assis Duarte. Com extensa produção acadêmica na área dos Estudos Literários e Estudos Culturais, Eduardo de Assis Duarte é autor do importante livro *Machado de Assis Afrodescendente: escritos de caramujo* (2019), já em sua terceira edição, e editor e organizador da antologia *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica* (2011), trabalho inovador e fundamental ao campo dos estudos de raça, reunindo informação, em três massivos volumes, sobre a produção de autores e autoras afro-brasileiros(as) ao longo de séculos da história do Brasil. Além de prolífico escritor, Eduardo de Assis Duarte tem também longo histórico de atuação

na educação, tendo sido professor de Estudos Literários em Universidades de impacto como a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pela qual se aposentou, mas que ainda tem papel ativo como colaborador do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários. Na UFMG desenvolveu trabalho crucial para o desenvolvimento dos estudos sobre literatura afro-brasileira, coordenando o Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade (NEIA), grupo de pesquisa voltado para a investigação da teoria e produção artística e literária de grupos minoritários, e criando o Portal Literafro, um domínio na internet voltado para a promoção e arquivamento não somente da escrita de

autores afro-brasileiros, como também do trabalho crítico e interpretativo decorrente da recepção e teorização desses textos. O prazer em ter a possibilidade de realizar uma série de perguntas ao Professor Eduardo vem não somente do fato de que ele é um acadêmico de alto nível com extensa experiência, como também devido ao fato de que é um dos principais articuladores, promotores e teóricos da literatura afro-brasileira na contemporaneidade. Espero que a entrevista sirva de incentivo para acadêmicos da área de Letras em geral se aventurarem pelos estudos de raça e literatura, e que desperte também a curiosidade de leitores em geral para um campo literário rico e diverso. Com vocês, Eduardo de Assis Duarte.

**H.C./L.S.:** Escritores negros e negras vêm produzindo literatura desde o século XIX, vide os exemplos de Maria Firmina dos Reis e Machado de Assis. Entretanto, a definição de um conceito em torno da cadeia discursiva desses escritores é recente. Você, por exemplo, denominou esse conjunto diverso de textos como literatura afro-brasileira. Antes de adentrarmos a explanação de tal conceito, você poderia, Eduardo, discutir acerca da necessidade de demarcar esse território textual?

**E.A.D.:** Perfeito, de início é preciso destacar que, na antologia *Literatura e afrodescendência no Brasil*, ambos

figuram como “precursores”. Isto porque a configuração da literatura negra ou afro-brasileira enquanto projeto estético e, por que não, também ideológico, data do século XX. Machado e Firmina estão, portanto, à frente de seu tempo e colocam, cada um a seu modo, os dramas dos escravizados em sua ficção e, sobretudo o primeiro, também em suas crônicas jornalísticas, ora ácidas, ora irônicas, dissimuladas, como bom capoeirista da palavra que sempre foi. A necessidade de demarcar essa diferença existe sobretudo no tocante à forma da representação: Machado protegido pelo que denomino “poética da dissimulação” e Firmina de modo mais incisivo, porém sem recair nos estereótipos racistas de seu conterrâneo autor de *O cortiço*, de forma semelhante ao que ocorre, por exemplo, em *Vítimas e algozes*, de Macedo. Nossa intenção foi de, sobretudo, demarcar essas diferenças e ressaltar a humanização do negro presente em Firmina e Machado e ausente em *O cortiço* e no citado romance de Macedo. A literatura brasileira que esses precursores produzem é outra. Daí a necessidade do prefixo afro como suplemento identitário incabível nos demais citados. Tal suplemento apenas constata a diferença de seus escritos frente às dos contemporâneos marcados pela branquitude. Daí a necessidade de demarcar essa textualidade para além do genérico campo instituído como “Literatura brasileira”. Pior: os manuais canônicos de história

da literatura brasileira ignoram Firmina e só contemplam duas escritoras para todo o século XIX, quando foram mais de cento e cinquenta, todas com livros individuais publicados!

**H.C./L.S.:** Por ter um corpus múltiplo e diverso, a literatura afro-brasileira exige uma abordagem teórica igualmente abrangente. Nesse sentido, você propõe 5 operadores teóricos essenciais para se considerar tal campo literário: temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público leitor. Tendo em vista o risco de se tomar a literatura afro-brasileira pelo viés do negrismo e da necessidade de superação dos fatores fenotípicos e biológicos como identificação, poderia explicar o conceito de literatura afro-brasileira?

**E.A.D.:** A literatura afro-brasileira se constitui ao longo do século XX como suplemento e, também, como verdadeira vertente da literatura brasileira *tout court*. Nisso, cumpre o papel de todo suplemento: o de abalar o todo de nosso edifício literário instituído, como bem configura Derrida. A nosso ver – e esse plural não é simplesmente retórico, é resultado de um consenso entre várias pessoas estudiosas da questão – está muito além do *negrismo* (aliás, analisado em profundidade no livro do Luiz Henrique Oliveira) enquanto mera utilização, por parte do

autor branco, do tema do negro enquanto *topos* literário pautado por uma visão externa e muitas vezes estereotipada. Em termos históricos, a produção de autoria afro-brasileira identifica-se bem mais com a *negritude* francófona, com todos os seus problemas e dissensões, do que com o negrismo de um Jorge de Lima, por exemplo. Nesse contexto, emerge a questão identitária como referência para produção artística. Não basta simplesmente *falar do negro*, mas expressar as *falas do negro*: suas dores, demandas, sonhos, sua busca de afirmação e de respeito enquanto sujeito dotado de cidadania, vontade e talento próprios, ou seja, sua *escrevivência*, para ficarmos com o conceito de Conceição Evaristo. Isto implica um *ponto de vista interno* e uma *linguagem* que a ele corresponda, livre de clichês e estereótipos. E, enquanto não houver cidadania plena para toda a população, o segmento negro, que é majoritário, tem todo o direito de evocar a subalternidade em sua produção, seja literária, teatral, pictórica cinematográfica, musical. Quanto à *formação de um público*, aplica-se mais à literatura, ao teatro, ao cinema e às artes plásticas. Na música, ele já está mais do que consolidado: na América do Norte, com o *blues* e o *jazz*, por exemplo; por aqui, com o samba, o rap, o funk, entre outros.

**H.C./L.S.:** Maria Firmina dos Reis, Machado de Assis e Luís Gama são precursores da literatura afro-brasileira. Neles, alguns paradigmas como autoria e público leitor ainda não estavam consistentemente formulados. Mas o ponto de vista, sobretudo no que toca a identificação ao negro e à crítica à escravidão, é contundente em suas literaturas. Quais elementos aproximam os três autores? O que caracteriza a especificidade de suas literaturas, ou seja, aquilo que permite a diferenciação em relação à literatura brasileira em geral? O que tais autores construíram como tradição textual afro-brasileira, isto é, de que forma ela embasa a produção dos autores modernos e contemporâneos?

**E.A.D.:** O que os aproxima é, acima de tudo, o ponto de vista, o lugar de inscrição. Veja bem: qual autor do século XIX denuncia em crônica jornalística as atividades secretas de senhoras da sociedade fluminense como cafetinas de jovens escravizadas? Qual autora desse tempo deu a palavra em seu livro à verdade de uma africana sequestrada, além de inverter a *doxa* eurocêntrica e tachar os traficantes brancos de bárbaros? Qual rábula do século XIX usou sua escrita para atacar abertamente a hipocrisia das elites, inclusive de padres e bispos cheios de escravos em seu entorno? Resposta: Machado, Firmina e Gama. Já enquanto forma literária, Machado é sempre

mais sutil, mesmo quando critica as sinhás que lucravam com a prostituição. Gama é mais explícito, obviamente. Firmina apela ao discurso cristão e Machado faz sua denúncia dissimuladamente e nem usa o termo pejorativo. Teriam construído tradições específicas? No conjunto, sim. Especificamente, cada caso é assunto para uma tese.

**H.C./L.S.:** Em relação à fase de consolidação da literatura afro-brasileira, muito marcada pelos discursos de negritude, denúncia direta do racismo, ativismo político e experiência, quais foram os escritores e grupos literários responsáveis pelo fortalecimento dessa vertente literária? Quais espaços eles abriram, sobretudo nos ramos da Educação?

**E.A.D.:** Nas décadas de 1940 e 50, sobretudo, O *Teatro Experimental do Negro*, encabeçado por Abdias Nascimento, deu uma forte contribuição, certamente. Mas a consolidação só se efetiva verdadeiramente após o fim da ditadura de 64, com os grupos *Quilombhoje*, em São Paulo, *GENS*, na Bahia, *Negrícia*, no Rio de Janeiro e *Palmares*, em Porto Alegre. Além destes, experiências isoladas: Solano Trindade, Carlos de Assumpção, Oswaldo de Camargo, entre outros. O fato é que todos merecem e precisam ser estudados e integrados ao letramento literário de nossos estudantes. Infelizmente, nossos cursos de Letras estão



voltados apenas para o cânone. É preciso que as produções alternativas cheguem aos currículos de Letras para, em seguida, serem levadas ao ensino Fundamental e Médio. O que não impede que se adote a produção infantil e juvenil de Júlio Emílio Braz, por exemplo.

**H.C./L.S.:** Poderia abordar um pouco mais sobre o histórico e a importância dos *Cadernos Negros* para a consolidação do espaço da literatura afro-brasileira e da difusão do trabalho de escritores e escritoras negras?

**E.A.D.:** *Cadernos Negros* iniciou sua trajetória vitoriosa em 1978. Portanto, está fazendo 45 anos de produção ininterrupta e inovadora em termos de auto edição. Muita gente que estava com talentos ainda não aprimorados começaram em suas páginas – sempre a partir de uma seleção rigorosa feita por autores e críticos mais experientes –, e hoje têm carreiras individuais consolidadas, a exemplo de Conceição Evaristo. Enfim, sobretudo para jovens e estreados, é uma bela porta de entrada no universo da produção literária afro-brasileira. E não custa lembrar ser o *Quilombhoje* – responsável pelos *Cadernos* – o mais antigo coletivo de escritoras e escritores em atuação na literatura brasileira. Falo coletivo em termos de projeto estético-ideológico e, não, de agrupamentos heterogêneos como as várias academias de letras espalhadas pelo país.

**H.C./L.S.:** Quanto ao estado da literatura afro-brasileira contemporânea, em que medida ela tem se desenvolvido e se firmado? De que maneira suas temáticas têm mudado e ampliado?

**E.A.D.:** Primeiro é preciso destacar os mais velhos, pois atualíssimos em termos da temática negra – denúncia do racismo e da subcidadania: Carolina de Jesus, Oliveira Silveira, Adão Ventura, José Carlos Limeira, por exemplo. Quanto aos vivos, o decano, e quase centenário, Carlos de Assumpção se destaca também pela atualidade de seus temas. Outro importante, Nei Lopes. E ainda Oswaldo de Camargo, Abelardo Rodrigues, Paulo Lins, Júlio Emílio Braz, (este com cerca de duzentos títulos infantis e juvenis), e muita gente mais, impossível enumerar. No portal Literafro, já são em torno de duzentos e trinta ao todo.

Nesse começo de século, tal produção se afirma cada vez mais e o grande exemplo é Conceição Evaristo, com perto de meio milhão de livros vendidos. A seu lado, grandes figuras, como Cuti, Edimilson de Almeida Pereira, Miriam Alves, Salgado Maranhão, Cidinha da Silva, Anelito de Oliveira, Cristiane Sobral, Ronald Augusto e muita gente mais. Quanto à turma que se firma nos últimos anos, não há como ignorar Eliana Alves Cruz, Itamar Vieira Junior, Eliane Marques, Allan da Rosa, Lubi Prates,

Jeferson Tenório, Lívia Natália, Vagner Amaro, Elizandra Souza e muitos mais.

Em todas e todos há temas e formas consagradas, bem como inovações preciosas. Cito apenas uma: em *Torto arado*, do Itamar, um terço do enredo é narrado em primeira pessoa por uma entidade do culto afro-brasileiro... Fico por aqui, fujo do *spoiler*.

**H.C./L.S.:** Como um conceito aberto e em construção, qual é o futuro da literatura afro-brasileira? Quais autoras e autores têm se destacado e quais autores colocam o campo em tensão?

**E.A.D.:** O futuro está nas mãos e nos HDs dessa turma toda aí de cima e nas muitas vozes que chegam sem parar aos catálogos das editoras. Há, sobretudo, um grande incremento da produção de autoria feminina, sem dúvida. E se, um dia... existir um Brasil livre do racismo e demais preconceitos, com direitos verdadeiramente iguais para todas, todos e todes – no dia em que essa utopia deixar de ser um sonho e um *não lugar* – nesse tempo talvez não se tenha mais que criar suplementos para o termo *brasileira*. Quanto à tensão ou divergência em termos de projeto, há autores negros que querem simplesmente fazer uma literatura sem adjetivos. E aqui em Minas temos

um grande poeta nessa linha: Ricardo Aleixo. No Rio de Janeiro, o Giovani Martins.

**H.C./L.S.:** Em relação à diáspora negra no mundo, de que forma a literatura afro-brasileira tem se aproximado das literaturas afro ao longo do planeta?

**E.A.D.:** Historicamente sempre houve algum diálogo, apesar das dificuldades, e da falta de comunicação, motivada pela pobreza, sobretudo. Só um exemplo: Solano Trindade e Nicolás Guillén... Já hoje em dia... Difícil responder diante desse quadro de crescente racismo, nacionalismo, neofascismo e intolerância para com o Outro. E de resistência a isso, evidentemente. Mas esse é outro tema para grandes teses.

**H.C./L.S.:** Eduardo, acredito também que a literatura afro-brasileira contribuiu para a construção de um espaço crítico negro. Como você enxerga o circuito atual da produção dos intelectuais negros? Qual a importância de se demarcar um espaço para a crítica afro-brasileira, que resgate também os intelectuais do passado?

**E.A.D.:** Sim, contribuiu e vem contribuindo enormemente. Nem é preciso citar nomes, é algo palpável, basta conferir nos estudos produzidos nas quatro últimas

décadas. E conferir as contribuições de relevo publicadas desde então. E este é o grande desafio para as gerações que despontam na contemporaneidade. Ampliar a reflexão tendo como contexto uma sociedade marcada pela intolerância, conforme colocado, e de fácil constatação no noticiário. E, apesar de todos os obstáculos, produzir reflexão e conhecimento sobre o presente sem deixar de lado o resgate mais do que necessário da/os intelectuais negras e negros do passado. Detalhe: no fundo, é preciso democratizar de verdade o capitalismo ou a chamada sociedade de consumo. Pois, quanto mais leitoras e leitores interessados na produção intelectual negra, mais ela irá se expandir. Daí a importância de uma educação de qualidade e de uma universidade verdadeiramente acessível a todas as camadas da população.

**H.C./L.S.:** Por fim, é necessário destacar a importância do Portal literafro para a difusão da literatura e da crítica afro-brasileira, servindo como um arquivo online de resistência ao epistemicídio. Poderia falar sobre o histórico e as áreas de atuação do literafro?

**E.A.D.:** O literafro foi inaugurado em 2004... está, portanto, bem próximo de completar vinte anos de pesquisa e produção de conhecimento sobre a vertente afro (ou negra) de nossa literatura. É fruto de um trabalho coletivo

de mais de uma geração, congregando gente jovem, madura e, até mesmo, atualmente idosa. O que nos move é o resgate, o estudo e a divulgação *online* do que foi – e está sendo – feito com muito esforço por pessoas afrodescendentes desse país, no passado e no presente. Um país repleto de desigualdades e de exclusões as mais escandalosas. Basta dizer que nunca se fala em literatura carioca ou paulista... quase tudo o que ali é publicado é classificado como literatura brasileira... Em paralelo pululam as literaturas “mineira”, “gaúcha”, “baiana”, “cearense”, etc. Em oposição a esse *status quo*, nossa proposta sempre foi a de resgatar a produção de autoria negra brasileira, esteja onde estiver. E, com isto, temos no portal publicações de todas as regiões do país. E de praticamente todos os gêneros: prosa, poesia, ensaio, dramaturgia, crítica, teoria. Cada autora(or) tem um espaço seu contendo: foto, informações biográficas, lista de publicações, pequena coletânea de textos de sua autoria para serem lidos e repassados, textos críticos sobre seus escritos, lista de fontes de consulta impressas e ainda links para outras fontes de consulta digitais. Além disso, temos o informativo literafro novidades, de circulação trimestral nas nossas redes e num conjunto de mais de dez mil e-mails, no Brasil e no exterior, trazendo resenhas dos últimos lançamentos afro-brasileiros. O objetivo maior: fazer do literafro um arquivo cada vez mais vasto e mais atualizado. E,

sobretudo, não um arquivo que se contenta em apenas reunir e organizar essa produção, mas que consiga fazer com que ela chegue nos celulares e demais telas de todas as pessoas interessadas em conhecer melhor o vasto continente da literatura afro-brasileira. De ontem e de hoje.